



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS



Mapeando esquemas construcionais: a polissemia das formações X-dor na história da língua portuguesa

Projeto individual de pesquisa apresentado ao
Departamento de Letras Vernáculas pela Prof.^a Dr.^a
Juliana Soledade Barbosa Coelho.

“Das cousas naçem as palavras e não das palavras as cousas...”

“E não desconfiemos da nossa língua porque os homens
fazem as línguas e não a língua o homem.”

(Fernão de Oliveira, 1536).

1. APRESENTAÇÃO

Este estudo pretende disponibilizar uma introdução à reflexão acerca da polissemia, não como uma propriedade que afeta exclusiva e individualmente a palavra, mas como um fenômeno cognitivo capaz de integrar uma rede de subesquemas construcionais em torno de um mesmo elemento formativo, nesse caso o sufixo *-eir*¹, observado em seu uso no português arcaico (séculos XIII – XVI).

Na perspectiva da morfologia construcional, com Booij (2005) e Gonçalves & Almeida (2013), podemos entender que *esquemas* representam generalizações sobre conjuntos de palavras existentes, permitindo, por analogia, a criação e a recepção de novos itens lexicais. Esquemas são, portanto, padrões gerais formulados a partir de unidades de forma-significado-função (*form-meaning-function*) e constituem relações paradigmáticas que, através de características comuns, permitem a abstração de fórmulas capazes de atuar em várias instanciações específicas, podendo ser usados produtivamente. Sob essa perspectiva, o léxico de uma língua deve ser entendido não mais como uma lista de palavras e expressões convencionalizadas, fixas e armazenadas na memória do falante, mas como um componente importante e fundamental da gramática das línguas:

A desirable implication of this view of the lexicon as a richly structured component of the grammar (in stead of just a list of idiosyncratic information) is that it is possible to specify and refer to paradigmatic relations between complex words and between morphological constructions. (BOOIJ, 2012b, p.01)².

¹ A falta de especificação da vogal átona final na expressão do sufixo aqui analisado deve-se ao fato de que, por um lado, as formas adjetivais e substantivas agentivas - relativas a seres humanos, sempre admitem a sua realização no masculino e no feminino, por outro lado, as demais formações substantivas, referentes a agentes naturais, objetos, locativos e anomalias, embora sejam de gênero único, podem ser realizadas como de gênero masculino ou feminino, sofrendo, nesses casos, forte influência do gênero da palavra base.

² “Uma implicação desejável desta compreensão do léxico como um componente gramatical ricamente estruturado (em vez de apenas uma lista de informações idiossincráticas) é que é possível especificar e fazer referência a relações paradigmáticas entre palavras complexas e entre construções morfológicas.” (Booij, 2012b, p.01). [Tradução nossa].

A formação deverbal *X-dor* pode ser lida como a unificação, como quer Booij (2010), ou a compatibilização³, como querem Gonçalves & Almeida (2013), de um item lexical ao esquema [X_{vi} -dor]_{Nj}. Dessa postulação, entende-se que a base irá compatibilizar as suas propriedades lexicais com as propriedades semântico-gramaticais da construção disponibilizada pelo esquema.

Segundo Booij (2012a, p.04), “A constructional idiom is a (syntactic or morphological) schema in which at least one position is lexically fixed, and at least one position is variable”⁴; assim, substantivos *X-dor* são constructos operacionalizados pelo esquema em cuja posição fixa encontra-se o sufixo *-dor* e em cuja posição variável uma base, usualmente verbal (as exceções são raras, p. ex. *aviador*, *lenhador*), que tem como produto um nome de caráter semântico variável, identificando-se, assim, a polissemia.

O significado desse idioma construcional também é especificado e tomado holisticamente da construção. Se, de um lado, formas morfológicamente complexas são instanciações de esquemas que propiciam outras tantas formações, por outro, palavras (primitivas ou derivadas) evocam conceitos e essa evocação é situada linguística e socioculturalmente. (GONÇALVES & ANDRADE, 2013, p.14).

No caso do sufixo *-dor*, a polissemia atua significativamente na formulação de subesquemas, proporcionando, como indica Booij (2010), evidências para diferentes níveis de generalização e graus de abstração em uma rede integrada de construções.

Assim, essa pesquisa é dedicada à experimentação da morfologia construcional, nos moldes propostos por Booij (2009, 2010, 2012a e 2012b), na análise de um conjunto de ocorrências de instanciações com o sufixo *-dor* no português arcaico, comparando-se com sua origem latina e seus usos contemporâneos, levantando-se as insuficiências do modelo no que se refere à descrição de dados empíricos e trazendo uma reflexão acerca de uma possível formalização das redes polissêmicas do sufixo *-dor* com base em esquemas do tipo neuronal.

³ Gonçalves e Almeida (2013, p.13) argumentam: “Julgamos mais interessante nomear esse mecanismo de “compatibilização”. Nesse caso, a ideia é que o item combine suas propriedades lexicais com as propriedades semântico-gramaticais da construção. Dessa forma, é instaurada uma relação bidirecional da construção para o item e do item para a construção.”

⁴ “Um idioma construcional é um esquema (morfológico ou sintático) em que, ao menos, uma posição é lexicalmente fixa e, ao menos, uma posição é variável.” (Booij, 2012a, p. 04). [Tradução nossa].

2. BASES TEÓRICAS

2.1 FORMAÇÃO DE PALAVRAS COMPLEXAS: MOTIVAÇÃO E ESQUEMAS

Na perspectiva da morfologia construcional, ser um signo linguístico motivado, isto é, não-arbitrário, é uma propriedade gradiente de palavras complexas. Essa propriedade se correlaciona com o grau em que são preservadas as características formais e semânticas relevantes do esquema de formação de palavras e o grau de conservação da herança semântica da palavra base. Quanto maior for a preservação dessas propriedades, mais motivada será a palavra complexa.

Por motivação, entende-se que existe uma relação não-arbitrária entre a forma e o significado de uma construção linguística. Assim, para além das motivações propiciadas pelo esquema, há de se considerar a questão da herança semântica que a palavra complexa pode preservar em relação à palavra base. Por exemplo, embora o valor agentivo seja prototípico para as formações em *X-eir-*, em palavras como *viadeiro*⁵ o valor semântico agentivo ‘profissional’ não cabe na interpretação, uma vez que a base ‘viado/veado’ não sanciona a ‘capacidade de produção de *viados*’; nesse caso, o valor agentivo ‘habitual’, ‘coletivo’ ou ‘locativo’ parecem ser mais compatíveis com o significado da base.

Deve-se admitir, contudo, que há um comportamento gradiente, tanto em relação à preservação das propriedades essenciais do esquema quanto à hereditariedade em relação ao *input*, uma vez que itens lexicais podem ser subespecificados e herdar informações parciais da base, que, por sua vez, também pode, na maioria dos casos, apresentar-se como polissêmica, como é o caso de *viado*.

Para além das implicações de herança, a princípio, as palavras complexas são motivadas pelo esquema pelo qual são dominadas (BOOIJ, 2010). Palavras complexas recém-derivadas herdam suas propriedades previsíveis através da compatibilização de esquemas de formação a bases léxicas. Os esquemas construcionais apresentam essa função de motivação porque forçosamente estabelecem uma relação entre forma e significado.

Com base no que se sabe acerca da aquisição da linguagem, Booij (2012a, p.04) afirma que “Morphological schemas are acquired on the basis of a set of memorized

⁵A palavra *viadeiro* tem sido empregada na cidade de Salvador para denotar uma grande aglomeração de homossexuais. Por exemplo, um uso identificado no pátio do Instituto de Letras da UFBA: “*O viadeiro da cidade vai estar naquele show*”.

complex words, i.e. fully specified complex words.”⁶ Assim, o falante do português primeiro adquire nomes individuais em *-eir-*, como *pedreiro*, e, após uma exposição suficiente a um conjunto de palavras com semelhante formação, o esquema de nomes agentivos em *-eir-* pode ser apreendido.

Segundo Booij (2010), esquemas construcionais podem ser descritos como capazes de:

- (i) especificar as informações previsíveis acerca das classes de itens lexicais complexos totalmente enquadrados no esquema, e especificar como novas palavras complexas podem ser cunhadas.
- (ii) abarcar subesquemas que incorporam propriedades particulares adicionais ou apresentam propriedades mais específicas de subclasses de itens lexicais.

Esse modelo leva em consideração o fato de que o conhecimento de esquemas morfológicos abstratos depende do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam esses padrões. É a chamada *full entry theory* (teoria de entrada plena) (JAKENDOFF, 1997).

Assim, esquemas morfológicos não devem ser vistos como mecanismos formais para alcançar representações lexicais maximamente particularizadas (por exemplo, lexicalizações idiossincráticas). Em vez disso, têm duas outras funções: por um lado, motivam a existência de um conjunto relevante de palavras complexas e, por outro, preveem como esse conjunto pode ser estendido. A função motivadora de esquemas tem o efeito de reduzir o grau de arbitrariedade das relações forma-significado no léxico. Assim sendo, esquemas também estruturam o léxico. Por exemplo, o esquema para o português de substantivos em *-dor* define uma família de palavras que compartilham propriedades comuns, e, portanto, fornece uma estrutura parcial ao léxico da língua.

Esquemas morfológicos, além de terem a função de especificar como novas palavras complexas podem ser formadas, reduzem a demanda de memória para armazenamento do léxico, uma vez que, como já foi dito, minimizam o grau de arbitrariedade no conjunto de correspondências entre forma e significado especificado no léxico.

⁶ “Esquemas morfológicas são adquiridos com base em um conjunto de palavras complexas memorizadas, isto é, palavras complexas totalmente especificadas.” (Booij, 2012a, p.04). [Tradução nossa].

2.2 FORMULANDO ESQUEMAS: PROPRIEDADES ESSENCIAIS

Do ponto de vista formal, um esquema construcional de derivação sufixal deve ser assim representado (BOOIJ, 2012a, p.04):

$$\langle [X_i Y_j]_{Y_k} \leftrightarrow [\text{significado de } Y_j \text{ relacionado a SEM}_{X_i}]_k \rangle$$

Os símbolos ‘menor que’ e ‘maior que’ demarcam um esquema de construção, já o símbolo de seta dupla (\leftrightarrow) intercede para explicitar a correlação entre forma e significado. A contribuição do significado da palavra de base, à direita da seta, é coindexado com a parte relevante da estrutura formal do lado esquerdo da seta. O significado (SEM) das palavras de base só é especificado no léxico, ao passo que a contribuição do significado fornecida pelos afixos é especificada nos esquemas de construção, uma vez que seus significados não são acessíveis fora da estrutura morfológica em que eles ocorrem.

Ao se propor a formulação de esquemas para palavras complexas, é preciso estabelecer quais propriedades são essenciais, quais podem ser descartadas e, ainda, quais delas podem ser incidentais. Em primeiro lugar, observemos o aspecto categorial. Deve-se considerar a classe da palavra base (*input*) e a classe do constructo (*output*) como propriedades essenciais a serem incorporadas ao esquema?

Sobre a relevância da categoria do *input*, Booij (2012b) afirma que é possível considerar a categoria da palavra base pertinente ao esquema para casos em que há regularidade e produtividade; em outros casos, o esquema dominante pode prescindir dessa informação, em face de que mais de uma categoria morfossintática seja produtiva dentro esquema.

Um exemplo do primeiro caso seriam formações em *-dor* em português, cuja categoria morfossintática da base léxica é sempre um verbo⁷ e qualquer ocorrência que esteja fora desse padrão não será produtiva, ou seja, não será capaz de servir de base para formações similares. Portanto, o esquema construcional que contém o formativo *-dor* poderá ser descrito, considerando a categoria verbal da base:

$$\langle [X_{v_i} -dor]_{s_j} \leftrightarrow [\text{Agente envolvido em SEM}_{v_i}]_j \rangle$$

⁷ É preciso discutir as circunstâncias que possibilitam algumas construções em que não há um forma livre verbal na língua que corresponda à base da construção.

Nos casos em que ocorrem instanciações fora do padrão, Booij (2012, p.09) considera que:

(...) there are cases where input category should be a defeasible category. Therefore, I assume that the input category of a word formation schema can be overridden by an individual complex word. However, in this situation, the complex word will have a lower degree of motivation.⁸

Um exemplo do segundo caso, em português, são as formações a partir do sufixo *-ismo*, que apresenta uma certa promiscuidade, combinando-se com palavras de classes diversificadas:

(1) Base	Raiz	Substantivo derivado
Sc	átomo, derrota	atomismo, derrotismo
Sp	Lula, Carlos (ACM)	lulismo, carlismo
A	colonial, favorito	colonialismo, favoritismo
V	batizar, caquizar,	batismo, catecismo
C	bota-abaixo, sem-vergonha	bota-abaixismo, sem-vergonhismo
Sig	PT, PMDB	petismo, peemedebismo

Embora a formação a partir de bases adjetivas (A) seja a mais produtiva ao longo da história da língua portuguesa, observamos que, em sua origem (grega), *-ismós* tinha por base verbos (V) em *-izó*:

(2)

gr. *katékhízó*: *katékhismós*: port. *catequizar*:*catecismo*;

gr. *hellenízó*: *hellenismós*: port. *helenizar*:*helenismo*;

gr. *ostrakízó*: *ostrakismós*: port. *ostracizar*:*ostracismo*.

Daí que persistem essas formações, não obstante tenham baixa ou nenhuma produtividade atual. Por seu turno, verifica-se o surgimento de novas possibilidades de formação bastante produtivas, considerando-se as categorias dos substantivos próprios (Sp) e das siglas (Sig), de tal sorte que não parece produtivo, no esquema dominante de *-ismo*, incluir a categoria da base como propriedade essencial, podendo este prescindir dessa informação, que poderá/deverá ser descrita, junto com as especificações semânticas, em

⁸ "(...) Há casos em que a categoria do *input* deve ser uma categoria anulável. Portanto, presumo que a categoria do *input* de um esquema de formação de palavras pode não corresponder à categoria de uma palavra complexa individual. No entanto, nesse caso, a palavra complexa terá um menor grau de motivação." (Booij, 2012, p.09) [Tradução nossa].

subesquemas, quando forem relevantes e produtivas. Destarte, *-ismo* apresentaria um esquema dominante assim configurado:

$$\langle [X_i -ismo]_{s_j} \leftrightarrow [\text{relacionado a SEM}_i]_j \rangle$$

Já a categoria do constructo, ou seja, do conjunto de palavras que foi e pode ser gerado por um esquema, parece ser uma propriedade essencial, haja vista, no caso das palavras formadas por esquemas de sufixação, a sua função essencial de determinar a categoria morfossintática do item lexical gerado.

Assim, para Booij (2010, p.12),

The only candidates for absolute, non-defeasible properties in word formation schemas are the output category of complex words and the phonological shape of their constituent morphemes. However, phonological shape can vary within the boundaries of allomorphy.⁹

Desse modo, a categoria do *output* (constructo) de um esquema de formação de palavras e a sua forma fonológica devem ser vistas como propriedades absolutas, uma vez que estas atuam como definidoras dos esquemas morfológicos. Por exemplo, de um lado, não faz sentido relacionar, em português, adjetivos formados com o sufixo *-nte* (como *vivente* ‘aquele que vive’) ao esquema de formação de adjetivos em *-dor* (como *pensador* ‘aquele que pensa’), pois a forma fonológica distinta requer esquemas distintos; por outro lado, também não é pertinente relacionar adjetivos participiais em *-(a)do* (como *amado*, *cansado*) a um esquema para substantivos coletivos em *-ado* (como *punhado*, *bocado*), já que, embora haja coincidência - parcial - no plano da expressão, há distinção quanto à natureza categorial e semântica do constructo.

No que diz respeito às propriedades semânticas, é importante ressaltar que se configuram como aspecto central da organização do sistema cognitivo e que, portanto, um esquema construcional (quer morfológico, quer sintático) não pode delas prescindir. Contudo, pode-se perguntar se é sempre possível descrevê-las em termos de atributo: combinações de valores. Há casos em que as propriedades semânticas das palavras complexas individuais não estão previstas pelo esquema morfológico dominante. Esse fato decorre de que muitas vezes atuam sobre itens lexicais complexos mecanismos

⁹ “As únicas candidatas a propriedades absolutas, não-anuláveis, em esquemas de formação de palavras são a categoria do output de palavras complexas e a forma fonológica de seus morfemas constituintes. No entanto, a forma fonológica pode variar considerando-se os limites da alomorfia.” (Booij, 2010, p.12). [Tradução nossa].

universais de polissemia, decorrentes de extensões metonímicas e metafóricas. Assim, uma palavra complexa pode ter propriedades semânticas que não são motivadas pelo esquema morfológico dominante. Há que se distinguir, porém, os casos em que a polissemia atua sobre um item lexical individual daqueles em que atua sobre um conjunto de itens lexicais que apresentam na sua formação um mesmo elemento morfológico (no caso aqui em questão, o sufixo *-dor*), em que caberá a explicitação da polissemia do sufixo, por meio de subesquemas.

Em suma, sob a ótica da morfologia construcional, as propriedades que usualmente definem um processo de formação de palavras são: a categoria morfossintática do constructo (*output*), a expressão fonológica do afixo e a correlação semântica da construção morfológica, sendo a categoria morfossintática da base (*input*) uma propriedade passível de ser anulada.

Por fim, acerca dos subesquemas, vale ressaltar a sua função de especificar propriedades semânticas decorrentes da polissemia e também a representação de subpadrões de formação que sejam sistemáticos e produtivos. Assim, na relação hierárquica entre esquemas e subesquemas, pode-se explicitar a existência de subclasses sistemáticas. Os subesquemas, portanto, fornecem características mais detalhadas das propriedades mencionadas pelo esquema dominante, não sendo um caso de substituição de padrão.

Vale chamar a atenção para o fato de que o critério básico para a proposição de subesquemas é a produtividade de cada subpadrão: se é produtivo, é uma boa razão para supor um subesquema. No entanto, o problema de um uso coerente do presente critério é que a produtividade não é um fenômeno simples do tipo tudo-ou-nada, mas uma questão de grau. Além disso, um subesquema que não apresente produtividade numa dada sincronia pode já a ter apresentado em sincronias pretéritas, o que implicará a existência de itens construcionais herdados de um subesquema inativo, que poderá ser reativado, como bem exemplificam os atuais empregos do sufixo *-ete* (Cf. ALVES, 2010).

2.3 POLISSEMIA NA VISÃO CONSTRUCIONAL

Um esquema de formação de palavras atua no sentido de reduzir a arbitrariedade na correspondência forma-significado em palavras complexas, bem como a relação entre a palavra complexa e o termo de base. No entanto, os esquemas de formação de palavras não são os únicos recursos que atuam na redução da arbitrariedade. Há também tipos de

redes polissêmicas que motivam a coexistência de mais de um significado para uma palavra simples ou complexa.

Segundo Booij (2012b, p. 16), quatro tipos de redes polissêmicas podem ser postuladas:

- (i) baseada em regras, polissemia não-lexicalizada (por exemplo, *sanduíche de presunto*, ‘cliente que encomendou um sanduíche de presunto’);
- (ii) baseada em regras, polissemia lexicalizada, sem ou com poucas restrições idiossincráticas (por exemplo, *livro*, ‘objeto material, conteúdo’);
- (iii) baseada em regras, polissemia lexicalizada, com restrições idiossincráticas (por exemplo, *escola*, ‘edifício, instituição’);
- (iv) desprovida de regras, polissemia lexicalizada idiossincrática (por exemplo, *mouse*, ‘animal roedor’ > ‘dispositivo de computador’).

A polissemia encontrada em (i) pode ser identificada como não-lexicalizada porque obviamente dela não decorre a formação de um novo item lexical a ser incorporado à língua. Para Booij (2012b), esse tipo de extensão semântica é de natureza pragmática universal. As polissemias dos tipos (i)-(iii) observam o caráter extensivo que a metonímia pressupõe e, portanto, obedecem a regras acerca do tipo de extensão permitida pelo processo metonímico (parte>todo, todo>parte, conteúdo>continente, continente>conteúdo, instrumento>agente, agente>instrumento, causa>efeito, efeito>causa, entre outras). Já a polissemia de tipo (iv) apresenta caráter metafórico sobre o qual não é possível estabelecer regras.

Assim sendo, há um tipo de polissemia que pode ser baseada em regras lexicais ou esquemas de extensão de sentido (‘polissemia regular’), uma vez que é motivada por mecanismos gerais de metonímia. Assim como os esquemas construcionais lexicais, as regras de polissemia também devem ser armazenadas. O exemplo oferecido por Booij (2012b, p.15) é esclarecedor:

- (3)
- a) *Essa é uma excelente universidade.*
 - b) *A universidade pegou fogo ontem à noite.*
 - c) *A universidade entra de férias essa semana.*

Em 3b e 3c, temos casos de padrões polissêmicos, uma vez que toda instituição pode ser metonimicamente representativa do ‘prédio, edificação’ em que funciona, bem

como do ‘conjunto de pessoas que ali trabalham, estudam, atuam’. Com isso, Booij (2012b) propõe esquemas que sejam capazes de traduzir esses padrões:

(4)

b) $\langle Ni \leftrightarrow INSTITUIÇÃO \rangle \approx \langle Ni \leftrightarrow EDIFICAÇÃO RELACIONADA A SEMi \rangle$

c) $\langle Ni \leftrightarrow INSTITUIÇÃO \rangle \approx \langle Ni \leftrightarrow PESSOAS RELACIONADAS A SEMi \rangle$

Assim, uma polissemia pode também apresentar-se regularmente na formação de palavras complexas, através de afixos polissêmicos. Isso acaba por gerar um padrão, que demandará a necessidade de explicitação de sua sistematicidade, enfim, subsidiando a geração do que se denominam, na morfologia construcional, de subesquemas.

3. PENSANDO EM UM ESQUEMA MORFOLÓGICO NEURONAL

As proposições de análise da polissemia de sufixos até então ofertadas pelos linguistas pressupõe uma contiguidade linear, no sentido de que isso passou àquilo, e aquilo passou a outra coisa e assim por diante. Contudo, esse projeto pretende demonstrar que as relações entre os múltiplos sentidos de um sufixo parecem se dar em uma rede mais complexa em que a linearidade não faz qualquer sentido. A teia de significados dos sufixos, não parece admitir um desencadeamento contínuo da polissemia, mas apresentaria uma rede de relações semelhante ao nosso sistema neuronal, algo como isso:

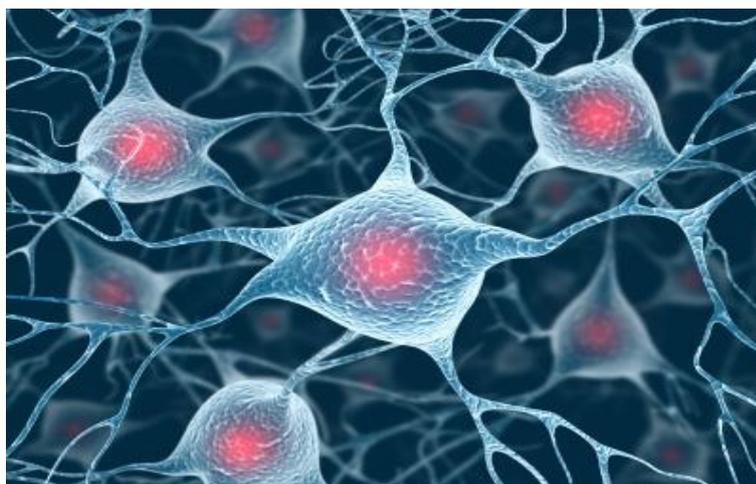


Figura 09. Projeção gráfica em 3d de um rede neural¹⁰

¹⁰ Imagem extraída de <http://www.tribunahoje.com/noticia/66088/mundo/2013/06/07/neuronios-so-criados-na-vida-toda-diz-estudo.html>

E se se pretende estabelecer esquemas que de fato representem, imageticamente, as relações entre os diversos sentidos de um sufixo como o *-dor-*, e provavelmente de qualquer outro sufixo, as formulações teriam de se aproximar de algo como as redes neurais ou neuronais utilizadas no âmbito da inteligência artificial:

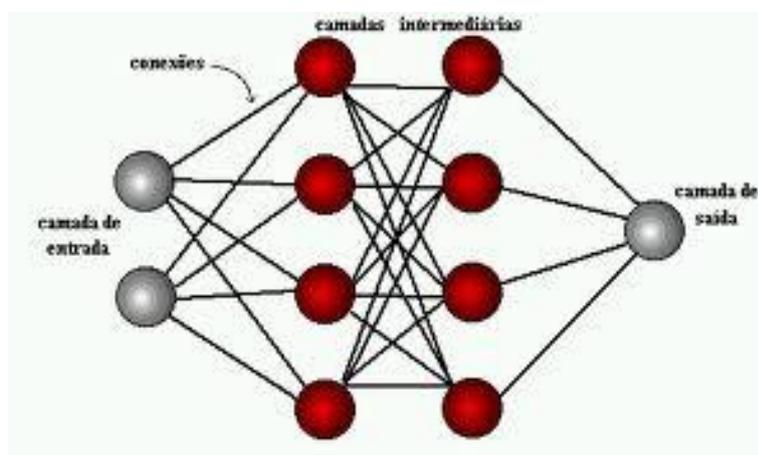


Figura 10. Esquema de uma rede neural artificial¹¹

Ainda que careçam da tridimensionalidade que um esquema construcional de formação de palavras deveria supor, esse tipo de representação imagética poderia cumprir, ainda que parcialmente, a função de explicitar a complexidade da teia polissêmica de um dado elemento linguístico.

Uma organização dos esquemas construcionais em rede revelaria que as relações entre os sentidos dos sufixos - ao mesmo tempo que mais plurais, no sentido de multiplicidade de relações -, são mais estreitas porque se unificam todos os usos do sufixo em torno de uma rede interligada - nem sequencial nem radial, mas sim multipolarizada.

Por fim, considerando o processo de derivação por sufixação, entende-se que uma instanciação complexa serve de modelo para outras formações de semelhante constituição e que, portanto, toda e qualquer propriedade semântica pertinente àquela instanciação pode servir de base para extensões metafóricas ou metonímicas, sendo, portanto, de grande relevância a consideração das relações de sentido que se processam por herança da base sobre o constructo, como já preconizou Corbin (1991).

¹¹ Imagem extraída de http://www.gta.ufrj.br/grad/07_2/eliseu/Descríoereconhecimentodepadres.html

4. OBJETIVOS

Diante do que aqui foi exposto, é objetivo desse projeto mapear os usos do sufixo *-dor* nos séculos XII, XIII, XIV, XV e XVI, considerando-se o *corpus* do projeto Estudos *morfolexicais e semânticos do português arcaico*, a fim de:

- a) oferecer um quadro amplo e real dos usos do sufixo *-dor* na história da língua portuguesa, comparando com suas origens latinas e com os empregos atuais;
- b) mapear as redes polissêmicas que esse sufixo engendra no PA;
- c) testar as propostas de formulação de esquemas construcionais nos moldes de Booij (2010)
- d) propor um modelo de formulação de esquemas construcionais capaz de dar conta da complexidade das relações polissêmicas que tais elementos suscitam.

5. RESULTADOS ESPERADOS

Nessa pesquisa, pretende-se que os resultados parciais sejam veiculados através da publicação de artigos e apresentações em congressos especializados na área de morfologia, léxico e linguística cognitiva.

Ao final do processo, pretende-se gerar um aparato teórico-metodológico, em língua portuguesa, para o estudo da morfologia em perspectiva cognitiva.

8. CRONOGRAMA

ANO	MESES	PASSO METODOLÓGICO
2016	7-12	Leitura da bibliografia para a constituição do quadro teórico que embasará o projeto em todas as suas facetas; Seleção e organização dos textos do <i>corpus</i> ;
2017	1-6	Compilação de dados; Análise de dados; Produção de textos para divulgação dos resultados da pesquisa;

2017	7-12	Compilação de novos dados; Análise de dados; Produção de textos para divulgação dos resultados da pesquisa;
2018	1-6	Compilação de novos dados; Análise de dados; Produção de textos para divulgação dos resultados da pesquisa;
2018	7-12	Redação de relatório final de pesquisa, publicação de artigo, capítulo ou livro sobre os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. V. *Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro - propostas e problemas*. In: XX Encontro Nacional da APL (Associação Portuguesa de Linguística). Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri Artes Gráficas. v. 20. p. 237-246, 2005.

ALVES, I. M. (2010) [O sufixo -ete no português brasileiro contemporâneo \(Le suffixe-ette dans le portugais brésilien contemporain\)](#). In: *Acta semiótica et lingvistica*. biblionline.ufpb.br. Disponível em <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/viewfile/14657/8309>. Acessado em 20 de junho de 2013.

BASÍLIO, Margarida. (2012) O léxico como conhecimento lexical: dados e estratégias. In: CASTILHO — CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 2., 2012. *Hand-out* oferecido pela autora ao público assistente da Mesa-redonda *Léxico*, em 08 fev. 2012. p.01-02.

BASÍLIO, Margarida. (2010) Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, v.05, n.02, p.01-14, dez. 2010.

BASÍLIO, Margarida. (2006) A estruturação do léxico na descrição do português brasileiro. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p.463-485.

BOOIJ, Geert (2009). Morphological analysis [to appear in Bernd HEINE and Heiko NARROG (eds.), *The Oxford Handbook of Grammatical Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009, 563-589.

BOOIJ, Geert (2010). *Construction Morphology*. *Language and Linguistics Compass* 3/1 (2010): 1–13, 10.1111/j.1749-818x.2010.00213.x

BOOIJ, Geert (2012a). Morphology in Construction Grammar [to appear in Thomas Hoffmann and Graeme Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press]

BOOIJ, Geert (2012b). *Inheritance and Construction Morphology*. Paper presented at the workshop on 'Default inheritance', University of Kentucky, Lexington KY, 21 -22 May 2012.

COELHO, J. S. B. (2004). *Semântica morfolexical. Contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. Dissertação de Doutorado em Letras, área de Linguística Histórica. Universidade Federal da Bahia. 2 tomos.

CUNHA, A.G. (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

FARIA, Ernesto. (2003) *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Garnier.

FERREIRA, A. G. (1976). *Dicionário de latim*. Cidade do Porto: Porto.

GONÇALVES, C. A. V. & ALMEIDA, M. L. L. [Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias](#). *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 56, n. 3, 2013. NO PRELO - a sair no final de 2013.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

MARINHO, M. A. F. (2004). *Questões acerca das formações X-eiro do Português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Disponível em <http://www.nemp.com.br/index.php?option=com>, acessado em 17 de abril de 2013.

PIZZORNO, D. M. (2010). *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. Dissertação de mestrado. Disponível em <http://www.nemp.com.br/index.php?option=com>, acessado em 17 de abril de 2013.

RIO-TORTO, Graça Maria. (1999). *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora.

RIO-TORTO, Graça Maria. (2008) Mudança genolexical: teoria e realidade In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 3*.

VIARO, M. E. (2006). Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo *-eiro*. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 35, p. 1443-1452.

VIARO, M. E. (2008). Os sufixos *-eiro* e *-ário*: história de morfemas divergentes. In: LIMA-HERNANDES, M.C.; MARÇALO, M.J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V.L... (Org.). *A Língua Portuguesa no Mundo - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH USP, 2008, v. 2, CD-ROM.

VIARO, M. E. (2007). Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et alii (org) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2007, Série Trilhas linguísticas n. 12, p. 45-84.